



1290003330



FE

TCC/UNICAMP L828d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GABRIELA ISABEL DE LIMA

DISCIPLINA E CONFLITO NUMA ESCOLA

WALDORF

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

GABRIELA ISABEL DE LIMA

R.A. 025487

DISCIPLINA E CONFLITO NUMA ESCOLA

WALDORF

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/ Unicamp, sob orientação da Professora Dr. Áurea Maria Guimarães, e tendo como Segundo Leitor o Professor Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado.

CAMPINAS

2006

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA: L628d
V: EX:
TOMBO: 3330
PROC.: 145107
C: D: X
PREÇO:
DATA: 02/11/07
Nº CPD: 2118883

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L628d Lima, Gabriela Isabel de.
Disciplina e conflito numa escola Waldorf / Gabriela Isabel de Lima. --
Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Waldorf, Método de educação. 2. Disciplina. 3. Conflito (Psicologia).
I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

07-096-BFE

Banca Examinadora

Professora Dra. Áurea M. Guimarães
(Orientadora)

Professor Dr. Guilherme Do Val T. Prado
(Segundo Leitor)

Dedicatória

***Dedico esta monografia aos meus pais,
meu esposo e todos os amigos pelo apoio
e amor dados todos estes anos.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, ao meu esposo Leandro, que sempre estiveram presentes nos momentos de dificuldade, me acompanhando em todas as horas e me auxiliando na elaboração do trabalho.

Agradeço às minhas amigas de faculdade da turma 2002, principalmente a Cristiane dos Santos e Lúcia Toledo, que me ouviram “desabafar” nos momentos mais difíceis e com as quais passei os melhores momentos de minha vida acadêmica.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Áurea Maria Guimarães por todo apoio dado na realização deste trabalho e ao professor Dr. Guilherme Do Val Prado por aceitar ser o meu segundo leitor.

Agradeço ainda à professora e à coordenadora da escola Waldorf que me receberam e contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me deram a oportunidade de realizar a graduação, conseguindo, apesar de todas as dificuldades, concluí-la com sucesso.

Gabriela Lima.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I - O CONCEITO DE VIOLÊNCIA SEGUNDO MAFFESOLLI	9
1. O ambiente escolar	10
2. Os professores	11
3. Os alunos.....	12
II. A ORIGEM DA PEDAGOGIA WALDORF	14
1. Fundamentos da Pedagogia Waldorf.....	14
2. Os setênios.....	16
2.1 O primeiro setênio.....	16
2.2 Segundo setênio	18
2.3 Terceiro setênio.....	19
2.4 Observações sobre os setênios.....	21
III - CONHECENDO UMA ESCOLA WALDORF	23
1. Fundamentos adotados por esta escola.....	24
2.A presença da arte como pressuposto para o desenrolar das atividades.....	26
3. O currículo	27
4. Avaliação	28
5. O papel dos pais.....	29
6. O professor	29
7. O jardim Waldorf.....	31
8. As regras da escola.....	32
IV. ARTICULAÇÕES DA TEORIA COM A PEDAGOGIA WALDORF	34
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
ANEXO.....	39
BIBLIOGRAFIA.....	46

INTRODUÇÃO

*“A nossa mais elevada tarefa deve ser
a de formar seres humanos livres que sejam capazes
de, por si mesmo, encontrar propósito
e direção para suas vidas”
Rudolf Steiner*

O presente trabalho aborda inicialmente uma apresentação teórica sobre a violência nas escolas, buscando compreender suas causas e os motivos pelos quais os professores têm muitas dificuldades em lidar com as situações de conflito, de forma a propiciar ao aluno experiências que sejam significativas e favoreçam a construção de modos de pensar e agir no mundo.

Em seguida, farei uma análise da Pedagogia Waldorf, dando destaque ao modo como esta enfoca o desenvolvimento humano, com o objetivo de compreender as possibilidades e limites dessa pedagogia diante dos conflitos presentes nas relações entre professores e alunos.

O interesse por este tema surgiu devido a minha dificuldade de trabalhar os conflitos em sala de aula e da minha vontade de poder contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, possibilitando que no futuro, ele se relacione com o mundo que o cerca de forma mais crítica e solidária.

No primeiro capítulo, abordarei de forma sintética, a visão de alguns autores sobre a violência, destacando como os professores e os alunos percebem este fenômeno.

No segundo capítulo, farei uma breve exposição sobre os princípios da Pedagogia Waldorf.

No terceiro capítulo, serão analisadas duas entrevistas feitas em uma escola de Campinas que trabalha com esta pedagogia.

No quarto capítulo, serão feitas algumas articulações da teoria sobre violência com a pedagogia Waldorf.

Nas considerações finais, trarei algumas contribuições para o trabalho do professor quanto às manifestações de conflitos existentes nas escolas.

I - O CONCEITO DE VIOLÊNCIA SEGUNDO MICHEL MAFFESOLI

Michel Maffesoli é professor de Sociologia na Sorbonne/ParisV. Sua obra vai ao encontro dos debates atuais sobre a vida cotidiana, a violência, a rua, os pequenos desvios, a sabedoria popular, abordando a realidade social para além dos limites dos âmbitos econômico e político. Suas obras mais conhecidas no Brasil são: *A violência totalitária*, *A conquista do presente*, *Dinâmica da violência*, *O tempo das tribos*, *A sombra de Dionísio*, entre outras.

Segundo este autor, a violência adquire diversas modulações em diferentes momentos históricos, estabelecendo as regularidades que apontam a persistência de sua manifestação em um duplo movimento de construção e destruição. A violência, sendo uma das formas que move as relações humanas, não deixa de levar em conta a instabilidade social como parte de tudo aquilo que, ao invés de eliminar os antagonismos tenta ordená-los, impedindo o totalitarismo de um conjunto. Assim, esse fenômeno pode se expressar da seguinte forma:

- **Violência Totalitária**, como sendo aquela dos poderes instituídos. Coloca a burocracia como sendo resultado da lógica da homogeneização que proíbe a expressão de outros modos de se pensar o social;
- **Violência Anômica**, indicadora das manifestações existentes nas revoltas, expressando o desejo de uma ordem alternativa;

- **Violência Banal**, que aparece nas manifestações de grupos sociais e que são desprovidas de uma finalidade pré-determinada, como por exemplo, as pichações, grafites, zombarias, tagarelices, silêncios, ironias, etc.

GUIMARÃES (2005) destaca a violência como sendo:

"... uma tessitura cujos fios são, ao mesmo tempo, destruição e vida, retração e expansão, enfim uma ambigüidade que fundamenta o espaço escolar e que – utilizando uma expressão de Maffesoli- regenera-o 'ritualmente'."(Ibid, p.47)

É importante ressaltar que Maffesoli não tem a intenção de inventar uma teoria sobre a violência, mas sim de reconhecer todos os elementos que a compõe, levando em consideração o duplo movimento desse fenômeno entre a destruição e a construção.

1. O ambiente escolar

Pensando no ambiente escolar, observamos claramente que as penalidades e promoções dadas pelos sujeitos nela inseridos, proporcionam uma distribuição dos alunos segundo suas habilidades e comportamentos, exercendo sobre os mesmos uma pressão constante, a fim de fazer com que todos se submetam ao mesmo modelo disciplinar e coletivo.

Sendo assim, as disciplinas são "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade" FOUCAULT (1977, pág. 126)

Destaca-se a escola como sendo um aparelho que produz poder alimentado por um sistema de vigilância e punição inserido nas práticas de ensino.

O poder de punir torna-se natural e legítimo na medida em que utiliza suas técnicas disciplinares para fazer com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas. (FOUCAULT, apud GUIMARÃES 1988, p. 39)

2. Os professores

Com base nestas "tecnologias disciplinares" e nos autores que estudam o fenômeno da violência na escola, podemos observar a importância do papel do professor na mediação de situações de conflito dentro da sala de aula.

A maioria dos educadores já deve ter ouvido ou vivenciado algum caso de violência na escola, seja na sala de aula, nos pátios, nos corredores, nos banheiros, nas agressões verbais ou físicas entre os alunos e entre alunos e professores, nas depredações do próprio prédio escolar, onde mesas são riscadas, paredes pichadas, banheiros quebrados, etc.

Diante desta realidade escolar, observamos que muitos professores trabalham desinteressadamente, assumindo atitudes autoritárias com os alunos, pois para muitos educadores só se pode educar se crianças e adolescentes forem suficientemente esforçados para garantirem um lugar no mercado de trabalho.

Segundo COLOMBIER (1989), a violência como um problema escolar não deve ser negada, porém, não deve ser considerada como um "mal absoluto" em que as

soluções estariam no uso de sanções mais rígidas, mas é preciso encará-la como uma questão que não deve ser afastada de nossas discussões.

3. Os alunos

Atualmente visualizamos um grande descontentamento tanto por parte dos alunos, como por parte dos professores. As aulas são regadas a grosserias e maus tratos de ambas as partes.

GUIMARÃES (1988), a partir da leitura de Foucault, detectou que as punições feitas pelas instituições escolares não têm como objetivo acabar com as infrações, mas discriminar os comportamentos dos alunos e exercer sobre eles uma vigilância constante.

Além disso, os julgamentos morais existentes na escola acabam dividindo os alunos em "bons" e "maus". Dessa forma, alguns alunos podem criar um sentimento de inferioridade, devido a essa categorização.

De acordo com a autora, os alunos tentam chamar a atenção dos professores agindo agressivamente. Eles percebem que a escola exige organização dos alunos, mas não oferece nada em troca.

Diante dessa dificuldade de se organizar o ambiente escolar, onde o professor necessita resgatar sua autoridade, fazendo parte do grupo e não impondo regras, buscarei compreender as possibilidades e limites de uma experiência realizada em uma escola que trabalha com uma pedagogia diferenciada, observando como se compõe as

regras nesse espaço escolar, como são organizadas e de que forma a escola reage diante das situações de conflito em sala de aula.

Porém, antes de analisar as relações entre os princípios pedagógicos dessa escola, os discursos produzidos pelos educadores e seus efeitos na relação entre alunos e professores, farei uma breve exposição sobre a Pedagogia utilizada, quais seus fundamentos filosóficos e pedagógicos.

Esta, conhecida como pedagogia Waldorf, é baseada na concepção antroposófica que tem como objetivo estimular o entusiasmo pelo aprendizado, buscando um desenvolvimento saudável, além de incentivar as faculdades críticas e de julgamento que surgem com a adolescência.

II. A ORIGEM DA PEDAGOGIA WALDORF¹

Em Stuttgart, na Alemanha, um diretor chamado Emil Molt, que coordenava uma fábrica de cigarros Waldorf-Astória, dirigiu-se a Rudolf Steiner pedindo-lhe que o ajudasse a organizar uma escola para os filhos dos operários segundo sua concepção sócio-antropológica de mundo.

Rudolf Steiner fez algumas exigências antes de aceitar dirigir a escola. Pediu que a escola fosse aberta para todas as crianças, sem distinção, que fosse co-educacional, com um currículo unificado de 12 anos, e que os professores fossem também os dirigentes e administradores da mesma.

Além disso, solicitou que houvesse uma interferência mínima do governo, como também pouca preocupação com objetivos lucrativos. Emil Molt concordou e, em 7 de setembro de 1919, foi aberta a "*Die Freie Waldorfschule*" (A Escola Waldorf Livre), em Stuttgart, Alemanha.

1. Fundamentos da Pedagogia Waldorf

Rudolf Steiner era um filósofo e, partindo do ponto de vista antropológico que enfoca o ser humano sob um ângulo mais amplo, elaborou uma ciência espiritual que vê o ser humano em seu aspecto físico, anímico (psico-emocional) e espiritual, de

¹ Faço aqui uma breve apresentação dessa pedagogia, fundamentada na obra de Rudolf Lans, 1979

acordo com as características de cada um e da sua faixa etária, buscando-se uma relação entre corpo, alma e espírito, ou seja, entre o pensar, o sentir e o querer

Assim, Rudolf von Steiner (1998) define que:

“Procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou a conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o pensar, (ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória) o sentir e o querer.” (Ibid,p. 30)

O corpo físico é denominado como aquele constituído pelas substâncias ou elementos químicos, ou seja, a matéria.

Os seres orgânicos, segundo Steiner, possuem um segundo corpo não-físico que permeia o corpo físico.

Esse segundo corpo é chamado de corpo etérico, que é denominado como um conjunto de forças que dão vida ao ser, aquele responsável pelo crescimento e reprodução, como também pela regeneração dos tecidos, sendo este o que irá constituir o corpo físico. Este pode ser visto (não se trata de visão por meio dos olhos físicos) por indivíduos que atingiram um certo grau de clarividência.

Partindo da hipótese de que o ser humano não está determinado exclusivamente pela herança ou pelo ambiente, mas também pela resposta que do seu interior é capaz de realizar, em forma única e pessoal, a respeito das impressões que recebe, Steiner considera que o homem ao nascer é portador de um potencial de predisposições e capacidades que, ao longo de sua vida, lutam por desenvolver-se.

2. Os setênios

A partir de uma visão antropológica, a Pedagogia Waldorf propõe uma concepção sobre o homem que abrange todas as dimensões humanas em íntima relação com o mundo; explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres humanos, segundo princípios gerais evolutivos que compreendem etapas de sete anos, denominadas setênios.

Cada setênio apresenta momentos claramente diferenciáveis, nos quais surgem ou despertam interesses, perguntas latentes e necessidades concretas. Apesar desse setênio ser observado durante a vida inteira, a educação no sentido comum, reduz-se aos primeiros 21 anos de vida, ou seja, aos três primeiros setênios.

Os setênios são compreendidos dentro das seguintes fases:

Do 0 aos 07 anos: em que ocorre a maturidade escolar;

Dos 07 aos 14 anos: ocorre o desenvolvimento sentimental;

Dos 14 aos 21 anos: ocorre com mais ênfase o desenvolvimento social.

2.1 O primeiro setênio

No primeiro setênio (0-7anos), a criança emprega todas as suas energias para o desenvolvimento de seu físico. Ela manifesta todas as suas vontades e desejos através de intensa atividade corporal. Essa atividade, que atua na formação do físico do

homem, se transforma na maior ou menor capacidade de atuar na vida adulta com liberdade na esfera cultural-intelectual.

Nessa fase, a criança tem uma grande abertura em relação ao mundo. Ela acolhe sem resistência anímica tudo o que lhe sucede do ambiente ao seu redor, entregando-se ao mundo com indeterminada confiança. Vive num estado de ingenuidade paradisíaca, num mundo em que o bem e o mal se confundem indistintamente.

Na criança, todos os órgãos de percepção sensória estão abertos e, a partir de uma intensa atividade em seu interior, ela responde com a repetição dos estímulos vindos do ambiente exterior, a IMITAÇÃO.

Essa imitação é a grande força que a criança de 1º setênio tem disponível para a aprendizagem, inclusive a do falar, do fazer, do adequado ou impróprio no comportamento humano. E é por uma imitação mais sutil que ela cria, ainda sem consciência, o fundamento para sua moralidade futura.

Nesse período a criança tem muitos amigos. Ela está aberta a contatos com outros, porém as amizades ainda são bastante superficiais, não atingindo diretamente o outro. Dessa forma, são muito mais destinadas a trazer o outro para o seu próprio mundo e brincar com ele.

Durante esse 1º setênio, a relação mais importante com o mundo exterior transcorre de fora para dentro. Todavia, as experiências adquiridas ainda não são centralizadas no eu, ou seja, no centro de sua consciência.

2.2 Segundo setênio

No segundo setênio (de 7 a 14 anos), a criança passa a ter todas as suas forças dirigidas ao seu desenvolvimento anímico. Desvinculando-se da vida puramente corporal, as energias infantis reaparecem transformadas em boa memória, imaginação, prazer em repetições rítmicas e principalmente em desejos de conhecer imagens de caráter universal capazes de estimular a fantasia.

O pensamento da criança dessa fase é provindo mais das energias do coração do que da cabeça, ou seja, é um sentimento que pensa. Este pensar é, portanto, ainda muito diferente do pensar analítico e especulativo do adulto.

A grande força para aprender, nesse momento, é a capacidade de vivenciar imagens interiores intensamente. Essas imagens falam ao mundo dos sentimentos das crianças e é por intermédio delas que a criança se liga aos conteúdos apresentados.

Por volta dos nove anos, no entanto, a criança vivencia uma distância entre ela e os adultos, entre ela e o mundo e isto lhe causa insegurança. Começa então, inconscientemente, a questionar a autoridade a que antes se entregou e busca justificar sua admiração e veneração para readquirir segurança.

Por volta dos dez / doze anos, o corpo da criança começa a perder as características da infância: predomina o crescimento dos membros e o desenvolvimento do sistema muscular se torna mais importante.

Inicia-se, aí, o período em que ela inclina-se à crítica e surge uma nova capacidade de raciocinar.

É, por volta de doze anos, que a criança é capaz de compreender as relações causa-efeito, ou seja, entende e busca reconhecer como legítimo as leis que regem os fenômenos. Ainda nesse período, toma suas próprias vivências como referência para compreensão deles; só mais tarde terá a capacidade de olhá-los de forma isolada, ou seja, do ponto de vista exclusivamente intelectual.

Nas relações sociais, as crianças dessa fase tendem a ser camaradas e justas com os colegas, levados por sentimentos morais e de honra. Tudo nessa fase, inclusive as travessuras, têm seu encanto.

No final desse setênio, entre doze e catorze anos, começa o complexo de sintomas da puberdade. Os processos de transformação dentro do corpo do adolescente perturbam a harmonia de sua vida anímica. Surge o desequilíbrio e antipatia aos valores tradicionais até então aceitos.

A reflexão intensa sobre tudo o que até agora estava estabelecido causa uma grande inatividade (preguiça), mas por outro lado, todos os processos corpóreos exigem muita atividade física.

2.3 Terceiro setênio

No terceiro setênio (14 a 21 anos), o jovem entra numa relação totalmente nova com o mundo. Liberam-se as energias anímicas, ou seja, elas tomam-se independentes. No entanto, a trajetória de desenvolvimento do anímico constitui a base

da vida emotiva pessoal, em que esta se torna assunto próprio e de infinitos questionamentos individuais sobre tudo que existe.

Uma vez liberadas as forças anímicas, desperta-se o pleno desenvolvimento das forças do pensar lógico, analítico e sintético. É nesse pensar e no discernir que o jovem vai buscar respostas àquelas perguntas vitais que surgem.

É típico, nessa fase, o "caráter enciclopédico", o entusiasmo pelo conhecimento e pela compreensão de fatos, a realização de experiências com perseverança. Assim, a esperança e o fracasso são os pólos entre os quais a vida passa a se desenrolar.

Nesta fase, a solidão é uma intensa vivência da puberdade e é a partir dela que o jovem procura o caminho que o conduz ao próximo e à sua própria identidade. Surge daí, o desejo de experienciar algo junto aos outros e sentir-se protegido pelo grupo de amigos.

Ele anseia por novos pontos de apoio e quer reconhecer o mais velho como um guia numa "atmosfera amistosa", pois autoridade para ele, agora, é um insulto a sua personalidade.

Pode-se considerar a puberdade como um acontecimento dramático e grandioso na vida juvenil. O amadurecimento sexual, embora seja um grande drama real, não é o mais importante, pois há outros com os quais o jovem tem que lidar.

Paralelamente, ao despertar para a realidade sexual, há o despertar para a realidade da Terra. Surge então a capacidade de amar profundamente, não apenas o sexo oposto, mas a humanidade como um todo.

Esse é o momento em que se desenvolve no jovem um forte idealismo, a busca pela verdade, a vontade de mudar o mundo e torná-lo mais fraterno. Sentindo-se como

responsável pelo futuro da estrutura social, desperta-lhe impulsos de luta, realização e atuação.

Assim, o jovem prepara-se para, através de uma profissão, atuar na vida social, na qual acredita ser possível realizar os ideais formados na juventude.

2.4 Observações sobre os setênios

Ao observar o desenrolar dos três setênios e fazer um paralelo entre o desenvolvimento da humanidade e do indivíduo, é possível notar que, nos dois primeiros setênios e uma parte do terceiro (até ao redor dos 16 anos), o ser humano reconstrói em si a evolução que a Humanidade foi realizando através das diferentes etapas históricas. Isto é, o nível de consciência vai sendo conquistado pouco a pouco, do nascimento à juventude, assim como nossa Humanidade o fez da Antiguidade aos dias atuais.

Esta observação, fundamentada no conhecimento profundo das características evolutivas e no conhecimento da lenta conquista de consciência, requer que a ação pedagógica promova, facilite e maximize a aprendizagem e dê resposta aos interesses, perguntas latentes e necessidades concretas da criança, pois é só respondendo à expectativa presente no educando, que a aprendizagem adquire caráter significativo.

A educação assim entendida, vai além da mera transmissão de conhecimentos e se converte em sustentação do desenvolvimento integral do educando, cuidando que

tudo o que se faça tenha como meta a formação de sua vontade e o cultivo de sua sensibilidade e intelecto.

Em consequência, a Pedagogia Waldorf organiza os conteúdos curriculares no tempo e no ritmo adequados à situação evolutiva específica, cultivando a ciência, a arte e os valores morais e espirituais.

Deste modo, procura-se estabelecer uma relação harmônica entre desenvolvimento e aprendizagem, fazendo convergir a dinâmica interna da pessoa com a ação pedagógica direta, ou seja, integrando os processos de desenvolvimento individual com a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada.

A Pedagogia Waldorf dá especial atenção para que no ensino se encontrem entrelaçados os pontos de vista científicos e estético-artísticos com os aspectos relativos ao respeito profundo e admiração ante o mundo.

Aprofundando-se nos estudos antropológicos e ampliando-os, Rudolf Steiner compreendeu que os fundamentos para a realização dos ideais humanos de convivência moral-social, baseados na liberdade com responsabilidade, fraternidade, respeito mútuo, consciência plena de igualdade de direitos e deveres, desenvolvem-se na criança e no jovem, através do cultivo da admiração e da veneração, os quais só podem se dar através de uma religiosidade livre e verdadeira.

Respeitando todas as religiões, foi no cristianismo que Rudolf Steiner encontrou caminho para essa religiosidade. Assim, as Escolas Waldorf têm sua pedagogia permeada por valores cristãos livres de qualquer instituição confessional.

III - CONHECENDO UMA ESCOLA WALDORF

A investigação realizada aconteceu em uma escola Waldorf de Campinas. Esta é uma associação mantida pelos pais das crianças que estudam na mesma, e apoiada pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil.

A primeira conversa foi feita com a Coordenadora da Escola que me apresentou a estrutura física da instituição e alguns trabalhos que os professores e alunos estavam realizando.

A Coordenadora contou um pouco da história da construção desta escola que, segundo ela, persiste até os dias de hoje. A escola funcionava, no início, em um local alugado que ficava na região de Souzas em Campinas. Com o alto custo do aluguel, a escola fez um pedido de doação de um terreno à Federação.

Conseguiram como doação o sítio "Três Poderes" que fica próximo da região do Alphaville, também em Campinas. O local é bem amplo e está sendo construído aos poucos com ajuda de doações.

A escola é muito simples e sem recursos visuais que chamem atenção. Tem características rurais, em um ambiente com muitas árvores, flores e muito espaço aberto, sendo muito acolhedor e familiar.

Já está funcionando há 5 anos e hoje atende alunos até a 5ª série no período da manhã. São cinco salas de ensino fundamental e quatro salas de jardim de infância, cada uma com seu próprio parque para que sejam respeitadas as individualidades de cada faixa etária .

Há também uma sala de música, uma biblioteca que foi inaugurada este ano e ainda esta sendo organizada, uma sala de professores, uma secretária e uma cozinha onde os funcionários fazem suas refeições.

1. Fundamentos adotados por esta escola

Em uma outra visita, a conversa foi com uma professora de História, licenciada e formada em Pedagogia Waldorf, que destacou pontos fundamentais para um melhor entendimento desta Pedagogia. Segundo ela, as escolas que trabalham com a Pedagogia Waldorf acreditam que esta não é uma Pedagogia Escolar, mas muito mais que isso, pois tem como eixo central o desenvolvimento do aluno de forma integrada, acreditando que o ser humano é dividido em três dimensões: parte mental (intelectiva e cognitiva), parte emocional (sentimentos e emoções) e uma outra parte que diz respeito à vontade, ao agir e fazer as coisas.

Partindo deste eixo central, o desenvolvimento do indivíduo, visto sob estas três dimensões até se tornar um adulto (por volta dos 21 anos), ocorre em momentos nos quais afloram essas dimensões, de um modo mais exuberante, durante os setênios, já descritos no capítulo anterior.

Desse modo, ela explica quais as dimensões que são trabalhadas em cada setênio. No primeiro setênio, então, a criança é puro movimento, o seu corpo pede, incessantemente que ela se mexa, pule, corra, suba e desça, pois neste momento a dimensão aflorada é aquela referente à vontade e ao desejo de agir e fazer as coisas.

Por isso, é importante que nesta etapa do desenvolvimento da criança, sejam dadas oportunidades para que ela possa brincar num espaço amplo expressando esse desejo de se movimentar.

Quando ela entra no segundo setênio, começa a agregar algo mais ao seu desenvolvimento, sem deixar de brincar, mas trabalhando um pouco mais a parte mental, ou seja, o conhecimento.

Isso não significa que a escola irá começar a passar para as crianças uma série de conhecimentos abstratos, ou uma quantidade grande de informações sem significado. Isso quer dizer que neste momento, tudo que será trabalhado através das “épocas”², será feito através de imagens, que podem ser ilustrativas ou narrativas.

Para isso, enfatiza que o professor deve passar essa narrativa de uma forma que ele também viaje pela história, fazendo com que esta possa preencher todo o ser desta criança, e assim se consiga tirar de dentro dela própria essa imagem descrita na narrativa, ou seja, ela irá imaginar como é a Grécia Antiga através das descrições do professor.

Nesta escola não se atendem crianças que estão no terceiro setênio, pois este corresponde dos 14 aos 21. Neste momento do desenvolvimento do indivíduo, já é possível um trabalho englobando as questões abstratas de certos conteúdos, utilizando também a crítica, os paradoxos, pois agora sim está preparado para entender estas questões.

² As professoras entrevistadas explicaram que na Escola Waldorf o currículo é constituído por conteúdos divididos em “épocas” e que os mesmos são trabalhados por até quatro semanas.

A partir destas reflexões, confirma-se a fala que diz que a Pedagogia Waldorf não é somente uma pedagogia escolar, mas uma pedagogia para a vida que tem como objetivo desenvolver o ser humano de uma forma integral e mais equilibrada.

Porém, ela coloca que esta escola não é perfeita, pois também tem suas dificuldades como qualquer outra, mas o modo como a mesma encara o desenvolvimento do ser humano faz com que se consiga aparar muitas arestas que talvez com o uso de outra pedagogia não fosse possível.

2. A presença da arte como pressuposto para o desenrolar das atividades

A Pedagogia Waldorf traz com grande ênfase a presença da arte em todos os seus trabalhos. Esta escola, que segue os fundamentos desta pedagogia, também cultiva a arte em suas atividades e isso ficou muito explícito durante minha visita.

Em todas as salas se percebe a arte muito presente e estampada pelas paredes, onde se vêem aquarelas pintadas pelos próprios alunos, desenhos de lousa feitos pelos professores, colagens com areia e outras formas de arte que encantam e fazem com que o ambiente escolar tenha este caráter de pertencimento, pois tudo que se tem na classe foram às crianças que construíram ou foram doados pelos próprios pais.

3. O currículo

Segundo a coordenadora, as disciplinas trabalhadas são basicamente as mesmas das outras escolas, como: Português, Matemática, História, Geografia, além de um complemento que a própria pedagogia determina: Línguas Estrangeiras (inglês e alemão), Atividades Corporais, Artes, Trabalho Artesanal, Jardinagem, Desenho de Formas e Religião.

Mas, estas disciplinas não são desenvolvidas separadamente, pois os conteúdos são oferecidos através de "épocas" que podem durar até 4 semanas, com exceção de algumas aulas como é o caso daquelas que são determinadas pela própria pedagogia Waldorf. Dessa forma:

Para o professor, há uma considerável economia no preparo e uma facilidade de planejamento, além de um engajamento emocional que beneficia a qualidade do ensino (LANS, 1998, p. 103)

Essa diferença no currículo, segundo ela, é reconhecida pelos órgãos governamentais e regulamentada por lei. Como na Pedagogia Waldorf a classe só tem um único professor, é através das épocas, descritas no currículo da escola, que este professor irá trabalhar todos os conteúdos das disciplinas descritas acima.

Além disso, há uma vantagem neste trabalho, pois ao invés dos alunos voltarem sua atenção para uma matéria de cada vez, eles podem vivenciá-las simultaneamente dentro do mesmo assunto, de modo que a identificação e o interesse passam a ser muito maior (Ibid, 1998).

4. A avaliação

A Pedagogia Waldorf não adota provas no seu sistema de avaliação. Acredita-se que cada aluno tem mais “facilidade” em determinada área e “dificuldades” em outra. Por isso, o aluno é avaliado por todo seu rendimento. Por lei é preciso se dar uma nota para cada disciplina, mas o boletim acompanha uma ficha descritiva na qual o professor escreve como este aluno se desenvolveu.

Por isso:

As escolas Waldorf não se baseiam em provas, testes, sabatinas e exames em que a matéria já seja preparada de forma a servir facilmente para fins estatísticos. Elas julgam todos os fatores que permitem avaliar o aluno, quais sejam: o trabalho escrito, a aplicação, a forma, a fantasia, a riqueza de pensamentos, a estrutura lógica, o estilo, a ortografia e, além disso, obviamente os conhecimentos reais. Mas o julgamento geral sobre o aluno levará em conta o esforço real que ele fez (ou não fez) para alcançar tal resultado, seu comportamento, seu espírito social. (LANS, 1998, p. 105)

Quanto à questão da repetência nesta escola, coloca-se que ela deve ser sempre evitada devido às suas conseqüências desastrosas. Isso só é feito no caso em que todos os professores da escola se reúnem e decidem que o aluno está realmente “atrasado” em todo o seu processo de desenvolvimento (intelectual, psíquico e físico).

5. O papel dos pais

Os pais possuem um papel muito importante nesta escola, principalmente devido ao esforço desta pedagogia em criar para a criança uma unidade entre educação e valores.

Assim, a coordenadora coloca que a família e a escola devem estar sempre em constante comunicação e para isso, existem reuniões periódicas nas quais professores e pais discutem sobre o desenvolvimento dos alunos, assim como cursos pedagógicos e artísticos, festas, excursões, etc, que são promovidos com frequência para que ocorra uma maior interação entre as partes, criando-se assim, um espírito comunitário.

Além disso, a coordenadora explicita que alguns familiares auxiliam mais diretamente no próprio funcionamento da escola, colaborando na elaboração de oficinas com os alunos, preparação de festas, viagens, ou até fazendo parte das equipes de finanças ou de gestão da escola.

6. O professor

De acordo com os fundamentos da Pedagogia Waldorf, cada turma deve ter um professor que acompanhe a mesma durante todo o seu período escolar, isto é, o professor deve começar e terminar com aquela turma, como se fosse um "tutor".

Porém, a coordenadora desta escola coloca que mesmo sabendo que por lei as escolas devem ter professores licenciados de cada disciplina, e que com isso não seria

possível que um só professor tivesse todas as licenciaturas para ser responsável por uma classe, eles conseguiram resolver esta situação, contratando professores licenciados para cada disciplina, mas elegeram somente um professor responsável pela classe. Este professor irá ministrar todas as atividades de todas as disciplinas com ajuda, quando necessário, daqueles licenciados. Por isso, quando este professor de classe está trabalhando algum conceito que ele não domina com facilidade, segundo a coordenadora, ele pode pedir ajuda aquele professor licenciado, podendo este até entrar na sala junto com o professor de classe.

Segundo a professora de História, o fato de cada turma ter um professor de classe que a acompanha durante todo seu processo de escolarização, auxilia no trabalho afetivo com os alunos, principalmente com aqueles mais "difíceis" de se lidar (alunos agressivos ou que não seguem as regras da escola), pois proporciona uma relação mais profunda entre professor e aluno, na qual um conhece o outro, construindo ao longo dos anos um vínculo repleto de sentimentos, que fazem com que o professor se dedique ao ensino, buscando aprimorar a sua qualidade.

Além disso, os professores que trabalham em uma escola Waldorf devem passar primeiramente por um processo de formação Waldorf que dura três anos, nos quais são trabalhados exercícios, entre outros, de meditação para que os mesmos possam estar equilibrados, conseguindo, dessa forma, separar seus problemas pessoais do seu trabalho com os alunos.

7. O jardim Waldorf

Segundo a Coordenadora, em um jardim Waldorf o objetivo é criar oportunidades para que as crianças possam se desenvolver de todas as formas, pois quando ela sobe em uma árvore, por exemplo, ela não está exercitando somente seu corpo, mas está trabalhando uma série de conceitos como: equilíbrio, coordenação, planejamento (quando ela pensa por onde deve ir), e até lidando com questões emocionais como: medo, auto-estima, confiança.

Portanto, em um jardim Waldorf não se alfabetizam as crianças por acreditarem que neste momento o que está aflorando no seu desenvolvimento é a parte do agir no mundo.

Os brinquedos são feitos com materiais naturais, sem recurso visual, pois assim, coloca a coordenadora, a criança tem a possibilidade de criar suas brincadeiras a partir de sua imaginação.

Então, uma criança que tem uma infância bem vivenciada e na qual foi cultivada sua auto-estima, consegue ir criando dentro de si uma segurança que vai se refletir no futuro da vida dela.

Desse modo, é muito importante para a escola fazer com que a criança tenha amadurecido bem este seu lado que, no momento, o seu próprio ser solicita.

Porém, sabe-se que durante este primeiro setênio a criança está desenvolvendo não somente seu corpo, como também a parte mental e emocional, sendo evidente

que estas dimensões estão interligadas, mas há momentos em que uma delas se fortalece, estando mais fértil para ser trabalhada.

Por isso, se diz que durante estes três setênios da escolarização estão se desenvolvendo todas estas dimensões, sendo enfatizado uma delas em cada setênio.

8. As regras e as situações de conflito

Para a coordenadora, a pedagogia Waldorf não resolve situações de conflito por meio de sistemas punitivos, uma vez que os problemas de indisciplina são tratados com muito cuidado, conversando e entendendo o aluno para tentar ajudá-lo. Acreditam que quando um aluno apresenta um comportamento agressivo, ele precisa ser auxiliado pela escola, e esta faz o que chamam de "Pedagógica" com este aluno, ou seja, uma reunião de todo corpo docente direcionada para aquele aluno. Neste momento, cada um coloca o que acha desse aluno, seus pontos positivos e quais suas dificuldades de comportamento, elencando sugestões de como ajudá-lo.

Em relação a depredações, a coordenadora disse que isso ainda não ocorreu porque tanto as crianças quanto os pais estão envolvidos com a escola e ajudam a construí-la.

Constatei durante minhas visitas que o ambiente é muito familiar e que a escola orienta os alunos em todas as direções, desde a forma de hábitos alimentares saudáveis até o envolvimento com atividades artísticas.

IV. ARTICULAÇÕES DA TEORIA COM A PEDAGOGIA WALDORF

Através das entrevistas realizadas foi possível observar como a Pedagogia Waldorf centraliza o ensino na própria escola, sendo impermeável às mudanças sociais e culturais que ocorrem fora da mesma. A professora entrevistada relatou que, como a vida fora da escola já é tão difícil, preferem propiciar um ambiente mais tranquilo e equilibrado dentro dela.

Porém, podemos dizer que existe, mesmo que de modo implícito, uma Violência Institucional (Maffesoli, 1981, *passim*) porque a escola, tentando evitar um confronto com situações problemáticas, acaba direcionando toda a sua metodologia para um determinado modo de pensar o vínculo dos seus alunos com o mundo fora da instituição. Entretanto, acredito que os conflitos vividos pelos alunos para além dos muros da escola também os acompanham no cotidiano escolar e enfrentá-los de modo consciente, crítico, afetivo poderia possibilitar um aprendizado mais realista.

Nesse sentido, as regras e as normas escolares ao instituírem a "lógica do dever ser" (Maffesoli, apud Guimarães 2005, p. 14) acabam uniformizando o comportamento dos alunos, dificultando a presença da "lógica do querer-viver" (Maffesoli, apud Guimarães *op cit.*, p. 18), ou seja, de expressões que organizam as minúsculas atitudes cotidianas dos pequenos grupos, remetendo à relativização recíproca dos diferentes valores e que alicerçam o prazer de estar junto.

Não quero dizer com isso que os regulamentos deixem de existir, mas que os professores entendam a ambivalência da "lógica do dever ser" e da "lógica do querer viver".

Essas reflexões nos remetem a alguns pensamentos de Paulo Freire, um pedagogo brasileiro que foi exilado do país pela ditadura militar, permanecendo no exterior durante 15 anos (de 1969 a 1979). Escreveu vários livros sobre educação entre eles: *A pedagogia da autonomia*, *A pedagogia do oprimido*, *A importância do ato de ler*. Este autor destaca em suas obras a importância da conscientização do professor crítico e comprometido profissionalmente.

Segundo ele, é preciso ter claro que a escola também faz parte da sociedade, pois ela : *"não é uma ilha de pureza no interior da qual as contradições e antagonismos de classe não penetram. Numa sociedade de classes toda educação é classista. E, na ordem classista, no único sentido aceitável, significa conscientizar e lutar contra esta ordem, subvertê-la. Portanto, uma tarefa que revela muito mais o conflito interior à ordem classista do que a busca de um diálogo que instaure a comunhão de pessoas ou de classes."* (FREIRE, 1996, p.13)

Assim, podemos dizer que seria importante que a escola Waldorf se voltasse para a sociedade na qual vivemos, propiciando ao aluno um maior contato com a nossa realidade e fazendo-o assumir-se *"como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos capaz de ter raiva porque capaz de amar."* (Ibid., p. 41)

Isso não significa que a Pedagogia Waldorf deva deixar de lado a presença da arte, das emoções, da espiritualidade em seus trabalhos, mas é preciso que os alunos

tenham contato com a beleza das mais variadas e diferentes manifestações artísticas, com os valores éticos, religiosos, políticos, de diferentes culturas e tenham conhecimento a respeito das desigualdades presentes na sociedade.

Apesar da escola Waldorf estimular seus alunos a construírem juntos seus objetos de trabalho, sejam eles brinquedos ou ferramentas para estudos, existe pouco espaço para que as particularidades de cada um conviva com diferentes modos de pensar. Esse tipo de trabalho implicaria numa "harmonia conflitual" (Maffesoli, apud Guimarães 2005, p. 15), isto é, num enfrentamento com as forças tanto agregadoras quanto antagônicas. Nesse sentido, regulamentos, ordens, desordens, violências podem ser "ritualizados" pelo jogo, pela festa, pelo riso, pela discussão ou debates acalorados, pelo silêncio, etc. Incluem-se aí as perdas, os desgastes, os conflitos e também as situações criadoras que se protegem de tudo aquilo que destrói o plural e massacra o desejo coletivo dos pequenos grupos.

Além disso, a escola Waldorf, apesar de tentar propiciar um clima de tranqüilidade, percebe-se, pelas falas das entrevistadas, que os conflitos geralmente são evitados, desencadeando uma homogeneização dos modos de pensar e agir.

Para a Pedagogia Waldorf, se o aluno vivenciar um clima tranqüilo no ambiente escolar terá a oportunidade de incorporar uma vida mais equilibrada diante de um mundo tão tumultuado. Ma eu pergunto: se fora da escola observamos a existência de uma sociedade individualista, violenta, que dificulta a construção de atitudes mais coletivas, mais solidárias, esse aluno saberá lidar com as dificuldades a serem enfrentadas mundo afora?

Acredito que uma escola totalmente tranqüila não exista, ou a instituição é movida por mecanismos disciplinares explícitos ou sutis, ou enfrenta as situações conflituosas, aprendendo com elas, desenvolvendo uma constante reflexão entre alunos e professores.

Portanto, para que a escola Waldorf consiga atingir o seu objetivo principal que é o de formar o ser humano de forma integral e para toda vida, é preciso que ela passe a ser permeável aos movimentos sociais e culturais que acontecem fora da escola, enriquecendo ainda mais o trabalho desenvolvido por sua pedagogia.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo melhor o funcionamento de uma escola que trabalha com a Pedagogia Waldorf, fica claro que a formação do ser humano é enfatizada não somente durante a sua vida escolar, pois vai além disso, buscando propiciar uma formação para toda a vida, a fim de que os alunos sejam capazes de aplicar seus conhecimentos em qualquer época ou lugar.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que não existem técnicas para se lidar com as situações de conflito. De acordo com a professora entrevistada, existem vários fatores que fazem com que este trabalho aconteça de forma mais tranqüila para os professores e os alunos que fazem parte desta escola.

O primeiro indicador que faz a diferença em todos os sentidos é o modo como esta pedagogia encara o desenvolvimento do ser humano. O segundo diz respeito à formação dos professores e o fato destes terem uma relação afetiva mais próxima com os alunos acompanhando-os em toda sua escolarização. E, por fim, seguem aqueles que dizem respeito ao funcionamento da escola, que apresenta um ambiente muito amigável e próximo dos alunos.

A formação do professor e a consideração que o mesmo dá à individualidade dos alunos também são fatores que auxiliam a minimizar as dificuldades em se lidar com os conflitos.

Apesar da grande preocupação que esta Pedagogia tem com a formação integral do aluno, enfatizando não somente o seu aspecto cognitivo, mas também o seu lado

emocional, percebe-se que o trabalho desenvolvido com os alunos fica muito desvinculado do mundo social fora da escola.

Atualmente, vivemos em uma sociedade que possui uma desigualdade muito grande, tanto econômica quanto cultural e política e por isso acredito que seja muito importante que a escola prepare os alunos para ajuda-los a enfrentar o mundo.

Como já disse anteriormente, na escola Waldorf, as crianças são estimuladas a construir juntas seus objetos de trabalho, porém percebemos que nossa sociedade não favorece o trabalho coletivo, pois o ambiente competitivo nos isola uns dos outros.

Também observei que a escola propicia aos alunos um clima de tranquilidade no qual os conflitos são geralmente evitados, porém sabemos que atualmente a vida nos coloca muitos problemas que devemos saber como enfrentá-los e, principalmente, aprender com eles.

Por isso, acredito que seja extremamente importante que o trabalho pedagógico de uma escola esteja vinculado ao que existe fora dela de modo a propiciar aos alunos uma compreensão mais crítica da sociedade na qual vivemos e uma oportunidade deles mesmos definirem as posturas que acreditam serem mais adequadas para se viver em sociedade.

Seria fundamental que a Escola Waldorf se assumisse como parte integrante da sociedade, mostrando aos alunos um pouco mais da nossa realidade, sem deixar de lado a beleza das artes, a importância da construção coletiva de valores que garantam a autonomia dos educandos no seu "pensar", "sentir" e "querer" e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de atitudes compromissadas com a transformação do mundo no qual vivemos.

ANEXO

Entrevista realizada com uma professora de História de uma escola que trabalha com a Pedagogia Waldorf na cidade de Campinas.

Relato sobre os fundamentos pedagógicos desta escola.

Para entender as diferenças com relação ao trabalho da pedagogia Waldorf é necessário fazer um contraponto.

Hoje em dia, em outras escolas, outras pedagogias, há uma ênfase cada vez maior de estar formado este aluno, fundamentalmente a sua parte cognitiva, intelectual e mental, trazendo muitas informações aos alunos, fazendo com que tenham acesso a muitas informações, mas não necessariamente conhecimento.

O acesso a essas informações é muito fácil – internet, mas na hora de saber como fazem isso ou aquilo não sabem.

O que se percebe é que se vê cada vez mais fomentado isso dentro da escola. A mídia também contribui para a facilidade desses conhecimentos. Parece que estamos enchendo estes jovens com conhecimento, mas na verdade estamos esvaziando cada vez mais ao encher a cabeça desses alunos de uma quantidade de conhecimento que não tem qualidade de apreensão.

Na Pedagogia Waldorf o que se tem como fundamental (centro) é mais do que uma pedagogia escolar, é uma pedagogia que tem como centro o desenvolvimento

deste aluno, deste jovem de uma forma integrada, pois acredita que o ser humano tem três dimensões: parte mental (intelectiva), parte emocional (sentimentos, emoções) e uma outra dimensão da vontade do agir, de fazer as coisas.

A Pedagogia, então, entende que o indivíduo por estas três dimensões. E no seu desenvolvimento, desde quando ele é criança até se tornar um adulto (21 anos) essas dimensões tem o seu momento de aflorarem de uma forma mais exuberante. São justamente os três setênios que compõe a escolaridade. Então, se a gente considerar que desde que ela nasce até ficar adulto este indivíduo esta se desenvolvendo tanto corporeamente (seu corpo, seus órgãos, membros), como também a questão dos sentimentos e do cognitivo.

Depois disso, há um aprimoramento, mas em termos de formação é nesse período que se desenvolve. Então, no primeiro setênio que vai desde que nasce até os sete anos a criança que a oportunidade de brincar, ela é puro movimento e der oportunidade de espaço para se mexer, este período é onde aflora o movimento, o corpo pede que ela suba e desça, corra. Num jardim Waldorf não se alfabetiza (só após a 1º série), as atividades são criar oportunidades para que esta criança possa desenvolver seu corpo, fortalecer suas peminhas, subir na árvore, mas não é só subir na árvore, ela esta trabalhando uma série de coisas: coordenação, equilíbrio, medo, auto-estima, planejamento (que galho ela pode ir). Então, uma criança que teve uma infância bem vivenciada e diz: _ Eu subo nesta arvore, eu consigo! Tem uma auto-estima lá em cima. Ela vai criando uma segurança que vai refletir no futuro na vida dela.

Uma criança que ficou muito tempo sentadinha, não faz isso que machuca, cuidado aí, não faz isso... tem medo de tudo, pela proteção demais. A mãe faz isso na

maior das boas intenções, mas com isso ela não está ajudando, esta fragilizando esta criança. É muito importante que a criança tenha amadurecido este lado, porque no seu desenvolvimento, o ser dela esta pedindo isso neste momento. É lógico que ela esta desenvolvendo aparte mental, ela esta pensando, mas não é o foco nesta fase.

Quando ela entra no segundo setênio aos sete anos, a criança vai começar a agregar algo mais ao seu desenvolvimento (não vai deixar de brincar) vai começar a trabalhar um pouco mais o mental, o conhecimento. A escola Waldorf nesta fase não vai começar a passar para as crianças uma série de conhecimentos abstratos, informações demais, ela trabalha muito com imagens, pois como no primeiro setênio a imaginação é muito fértil (vários tocos se transformam em castelo, depois em caminhão), no segundo setênio se trabalha o cognitivo recheado de imagens. Quando vai se trabalhar qualquer conteúdo o importante é trazer imagens e até na matemática que é muito objetiva (brincadeira no pátio com o corpo, contagem com saquinhos, etc.) de forma que este conteúdo vai entrando no interior da criança não só na cabeça.

O segundo setênio é trabalhado com imagens, quando vai se contar uma história sobre a Grécia antiga, por exemplo, traz-se narrativas que fazem com que a criança se volte para a história e se sinta dentro dela estimulando sua curiosidade. O professor tem que passar isso de uma forma que ele também viaje pela história, porque se não a criança percebe, entrar dentro desta imagem, pois este narrativa deve preencher esta criança podendo ela até ficar arrepiada, tirando de dentro dela.

No terceiro setênio, ela já entra no abstrato mental, se trabalha a questão bem mais crítica, paradoxos.

Então, no primeiro setênio se aflora a vontade de agir no mundo, no segundo setênio a emoção e o sentimento e no terceiro setênio o mental. Mas é evidente que estas áreas estão separadas, mas ao mesmo tempo interligadas, pois o que acontece é que há um momento em que determinada área se fortalece esta mais fértil para se desenvolver. Dentro de cada fase é trabalhado estas três dimensões, mas em cada setênio é enfatizado uma destas dimensões onde ela está mais fértil.

Percebe-se então que não é só uma pedagogia escolar que tem como objetivo formar o aluno para prestar vestibular e passar na faculdade, isso é um aspecto externo que faz parte do desenvolvimento do ser humano como tantas outras coisas.

A Pedagogia Waldorf tem como meta, como horizonte desenvolver este ser humano de uma forma integral e mais equilibrada. A escola Waldorf não é uma escola perfeita, também tem suas dificuldades, mas o modo como ela encara o ser humano (aluno) o seu desenvolvimento já fazer com que se consiga aparar muitas arestas que em outra pedagogia talvez não se consiga. Temos várias ferramentas pedagógicas ou metodológicas de estar lidando com as dificuldades de adaptação, mas as que existem são superadas encarando a individualidade de cada aluno, pois cada aluno é único.

Como é feita a avaliação nesta escola?

Não tem prova visto que às vezes o aluno tem um bom rendimento escolar, mas no dia da prova ele não estava bem e foi mal na prova acaba ficando com um conceito baixo. Cada um tem mais facilidade com alguma coisa e mais dificuldade em outras. Então o aluno é avaliado pelo seu rendimento como um todo, não só em uma matéria, mas

analisando o quanto a criança se desenvolveu. O boletim é descritivo, tem a nota que por lei se deve dar, mas acompanha um boletim descritivo onde cada professor escreve como este aluno se desenvolveu.

Qual a formação dos professores e como é a relação entre eles e os alunos?

A turma tem um professor de classe que acompanha a turma ano após ano, então auxilia no trabalho afetivo com os alunos principalmente com aqueles mais difíceis de lidar, que é muito agressivo, ou tem problemas de seguir regras. Os professores são trabalhados emocionalmente, exercícios de meditação para que possam estar bem equilibrados conseguindo separar seus problemas pessoais das aulas. Um professor Waldorf tem que estar em concentração com sua classe, não pode sair correndo para dar aula em outra escola.

A questão da formação do professor e da questão de encarar a individualidade do aluno são fatores que auxiliam a minimizar as dificuldades de mau comportamento (auxilia as famílias). Uma outra ferramenta utilizada é quando se percebe que uma criança extrapola, quer dizer que este aluno está precisando de muita ajuda e não de dedo no rosto dizendo que não pode. Quando acontece isso se faz o que chamamos de pedagógica com esse aluno, onde se reúnem todo o corpo pedagógico, como se fosse um conselho de classe mas direcionado para aquele aluno especificamente, na intenção de ajuda-lo. Cada professor coloca o que acha desse aluno, o que vêem de positivo nele e o que vêem de dificuldade no comportamento dele e qual a sugestão

para ajuda-lo e assim, cada um dando sua contribuição faz com que isso funcione porque são várias pessoas pensando juntas em como ajudar esta criança.

Como funcionam as regras, existem situações de violência e depredação?

Não há uma legislação, mas, por exemplo, se um aluno agride o outro, isso é uma regra que esta implícita, não se pode fazer isso. Quando isso acontece é preciso tentar entender porque aconteceu. Não adianta levá-lo para diretoria e se acontecer de novo suspendê-lo e se acontecer de novo expulsá-lo. Não é assim que a Pedagogia Waldorf encara esta questão, ela tem todo um cuidado de se conversar entendendo para poder ajudar, a ferramenta fundamental é ajudar. Pode ser uma criança que está com a auto-estima baixa e é preciso reforçar sua auto-estima, valorizando suas características (pode estar tentando se defender com atos de violência). Já aconteceu isso aqui e a criança se fortaleceu.

Com relação à depredação, ainda não tem, isso pode ser pelo motivo de as crianças fazerem parte desta escola, os pais ajudam a construir, elas também constroem. É uma escola muito familiar, os pais estão sempre envolvidos nesta escola, mas não fazem tudo que querem.

A escola busca proporcionar um ambiente saudável desde a alimentação, o que a criança põe para dentro dela (orgânicos). A sociedade faz com que os alunos sejam individualistas então a escola tenta proporcionar um ambiente mais equilibrado em todos os aspectos, tendo a consciência de que esta criança esta inserida no mundo. Os pais colocam as crianças por consciência da pedagogia.

Evita-se muitos comportamentos através destas ferramentas e quando isso ocorre é preciso ter consciência da necessidade de ajudar esta criança. Enquanto a escola é preciso pensar em como ajuda-lo.

É uma escola que nada contra a corrente, pois o mundo cada vez mais deixa as pessoas individualistas, então tentamos preencher na escola o coração destas crianças com uma educação mais integral.

BIBLIOGRAFIA

COLOMBIER, Claire. *"A violência na escola"* São Paulo: Summus, 1989

FREINET, Célestin. *" Para uma escola do povo"* São Paulo: Martins Fontes,
2001

FOUCAULT, Michel. *"Vigiar e punir"* Petrópolis, R.J. , 1997

GUIMARÃES, Áurea M. *" A dinâmica da violência na escola/conflitos e
ambigüidades"*. 2º edição- Campinas, S.P.:Autores Associados, 2005

_____ *" Vigilância, Punição e Depredação escolar"* Campinas, S. P.:
Papyrus, 1988

LANS, Rudolf. *" A pedagogia Waldorf: uma caminho para um ensino mais
humano"*. São Paulo: Antroposófica, 1998

STEINER, Rudolf. *" A arte da educação"*. São Paulo: Antroposófica, 1995

TUTIASSE, Sylvia Naomi Akamine. *"Pedagogia Waldorf: uma pedagogia inovadora ou uma pedagogia modificada."* Campinas, S. P. : 2004

MANZANO, Elisa Ferrari. *"A importância do movimento na educação infantil Waldorf."* Campinas, S.P. : 2005

EIZIRIK, Marisa Faermann. *"Michel Foucault: um pensador do presente."* Ijuí: Unijuí, 2002

